

CARTA AO BASTONARIO

Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Pires :

No momento de abandonar a direcção da «Revista da Ordem» a que a sua amizade me guindou, tenho o dever de resumir aqui a opinião de todos os advogados, limpos de coração e de mãos, sôbre o que foi o seu Bastonato.

Houve entre os seus antecessores, profissionais ilustríssimos — e que todos nós respeitamos.

Mas, colectivamente, a Ordem encontrava-se em plena crise de crescimento, sem sólidos créditos, sem seguro prestígio, sem forte acção.

Durante três anos assisti, quotidianamente, ao seu trabalho extrénuo, permanente, incansável :

Foi V. Ex.^a que deu à Ordem o inegável brilho em que ela hoje resplende, pela fôrça da sua energia obstinada e da sua superior inteligência, metendo ombros aos mais fatigantes trabalhos, e obrigando todos — e inclusivamente a mim — a trabalhar também, pela persuasão do seu exemplo, das suas exortações, e ia dizer até — pela coacção psicológica que exercia.

De todo êsse labor, só a parte pública, exterior, força a atenção e impressiona os que distraidamente olham por essas coisas — mas quem dirá o trabalho imenso e tenaz que se traduziu na completa reorganização interna da Ordem, na aceleração e aperfeiçoamento dos serviços existentes, e na criação de outros, na constituição das Delegações, na elaboração dos Regulamentos (que nenhum existia), no desenvolvimento da Biblioteca (nestes dois campos foi primordial a coadjuvação do Sr. Dr. Fernando Caetano Pereira) até chegar à montagem duma complexa máquina que ficou funcionando, pontual e perfeita?

A sua acção se deve ter a Ordem assegurada uma desafogada vida material, com largas receitas moralmente consignadas à cultura do direito.

No seu consulado se fizeram, com inultrapassável esplendor, várias Conferências solenes, em que alguns dos melhores nomes dos nossos meios intelectuais (e não só do seu sector jurídico) vieram falar à nossa Casa Comum.

As sessões do Instituto da Conferência que V. Ex.^a tódas as semanas presidia e orientava, decorreram até ao fim numa frequentação numerosa e atenta, num ambiente familiar e interessado, num permanente efervescer de curiosidade mental e bom nível de discussão.

No Pôrto também o respectivo Instituto tem desenvolvido uma actividade magnífica.

A «Revista» começou a sua publicação, tentando alargar os seus quadros sucessivamente, centralizar artigos de valor, fazer convergir para as suas páginas trabalhos de bom quilate que interessassem os seus leitores.

A si e ao Sr. Dr. António de Sá Nogueira — que com tanto aprumo como inteligência dirigiu o pelouro cultural — devo a confiança de me terem deixado coordenar e publicar todos os tomos da «Revista» (inclusivè êste) sem sequer quererem ver as suas provas, mas sendo os seus primeiros e mais atentos leitores, e os orientadores supremos das suas linhas gerais.

A «Casa» dos advogados portugueses, a sua «Ordem» a que V. Ex.^a devotou inexcédível carinho — está construída e pronta, está habitada, e vivemos nela, em comunidade de boas-vontades e de espírito confraternal.

O resto agora é fácil.

O trabalho dos que se seguirem ficou simplificado — e impossível seria já que a «Ordem» não aumentasse ainda, pelo simples desenvolvimento das sementes lançadas, em brilho e em lustre.

Num único ponto de pormenor divergi de V. Ex.^a — entendo, contra a sua opinião, que ao sair o chefe e guia, que servi como soldado raso, por devoção e respeito, e ao assumir outro o munus da Presidência, deve haver um render de guarda e a outros também deve incumbir agora a responsabilidade dos cargos ligados à sua confiança pessoal.

Por isso não aceitei o honroso encargo de continuar, para que me convidou primeiro o Dr. Catanho de Menezes, e depois com uma insistência lisongeira o Dr. Acácio Furtado, em seu nome pessoal e no dos novos Conselhos Geral e Distrital de Lisboa, que por unanimidade o votaram, precedendo o seu voto dos mais amáveis «considerandos».

Ao contrário do que se dá com tantos homens «modestos», em V. Ex.^a a modéstia é sincera, simples e profunda. Releve-me, pois, a publicação desta carta — mas era impossível não imprimir aqui o que todos nós pensamos.

Francisco M. Gentil